

**ETC**

Número 63 | Junho 2024

**Cadernos do escritório Pro Monialibus**

---

Roma, Cúria Geral OFM

# Comunhão e Comunicação



---

## **cTc comunione e comunicazione**

Quaderni dell'Ufficio Pro Monialibus  
Bollettino di collegamento fra i monasteri francescani in comunione  
con l'OFM attraverso l'Ufficio Pro Monialibus

*Sede dell'Ufficio Pro Monialibus*

Curia Generale OFM  
Via Santa Maria Mediatrice, 25 - 00165 ROMA - Italia  
tel: +39 06 684919  
fax: +39 06 68491294  
e-mail: moniales@ofm.org

*Sede della Segreteria di Redazione:*

Monastero Santa Chiara  
Via San Niccolò, 5 - 52044 CORTONA (AR) - Italia  
tel: +39 0575 630360 / +39 0575 630388  
e-mail: cortona@sorelleclarisse.org

### REDAZIONE

Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm  
Ufficio Pro Monialibus, Roma

Monastero Santa Chiara, Cortona

*Hanno collaborato:*

*Brasile:* Monastero Dourados

*Francia:* Monastero Nantes  
Monastero Cormontreuil

*Germania:* Monastero Münster

*Inghilterra:* Monastero Arundel  
Monastero Hollington

*Irlanda:* Monastero Carlow

*Italia:* Monastero Assisi S. Colette  
Monastero Bressanone  
Monastero Cortona  
Monastero Fara in Sabina  
Monastero Lecce  
Monastero S. Agata Feltria

*Nigeria:* Monastero Bomadi  
Monastero Ijebu-Ode

*Papua Nuova Guinea:* Mon. Aitape

*Portogallo:* Monastero Vila das Aves

*Rep. Ceca:* Monastero Brno

*Spagna:* Monastero Allariz  
Monastero Arizkun  
Monastero Cantalapiedra

*Uganda:* Monastero Mbarara

*USA:* Monastero Cincinnati

*Altri:* Curia generale OFM (Roma)  
Fr. Russel Murray, ofm (USA)  
Fr. Romano Dellazari, ofm  
(Brasile)  
Fr. Caoimhín Ó Laoide, ofm  
(Irlanda)

# Índice

Apresentação .....	5
<b>OFÍCIO PRO MONIALIBUS .....</b>	<b>8</b>
Carta do Delegado Geral .....	8
<i>Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm - Roma, Itália</i>	
Carta do Cardeal Prefeito DIVCSVA .....	12
<b>OUVI POBREZINHAS .....</b>	<b>13</b>
VIVEI SEMPRE EM VERDADE, PARA QUE EM OBEDIÊNCIA MORRAIS .....	14
...em Brno, República Tcheca .....	14
<i>Ir. M. Benedicta Lišková, osc</i>	
...em Aitape, Papua Nova Guiné .....	19
<i>Ir. Regina, osc</i>	
...em Nantes, França .....	22
<i>As irmãs de Nantes</i>	
...em Cantalapedra, Espanha .....	27
<i>As irmãs de Cantalapedra</i>	
...em Cincinnati, EUA .....	32
<i>As irmãs de Cincinnati</i>	
...em Arizkun, Espanha .....	37
<i>Ir. M. Nieves Ruiz, osc</i>	
...em Bomadi, Nigéria .....	42
<i>As irmãs de Bomadi</i>	
...em Mbarara, Uganda .....	46
<i>Ir. M. Andrew Kaggwa, osc</i>	



**EM MEMÓRIA DE FR. ENRIQUE GONZALES ARANGO, OFM.....47**

**NOTÍCIAS DO OFÍCIO PRO MONIALIBUS**

Federação “Santa Maria dos Anjos”  
da Irlanda e Escócia .....49  
*Ir. Francis Ó Brien, osc*



## Apresentação

Este número de *Comunhão e Comunicação* recolhe, segundo o plano elaborado para comemorar os 800 anos da exortação musicada, dirigida por Francisco às Senhoras Pobres de São Damião, testemunhos e reflexões inspirados nos vv. 3-4 da exortação: «Vivei sempre na verdade / para morrer em obediência». (cf. [cTc 60, p. 70](#))

Fr. Fábio Gomes, ofm, nosso Delegado Geral, introduz-nos no acolhimento da proposta de Francisco, entrando em diálogo com o viver *na verdade* e *na obediência*, como métodos que devem “atravessar e transparecer em tudo o que o *Poverello* vive e faz” (p. 8).

E isso não numa realidade hipotética, mas assente neste *hoje* caracterizado, para nós, Irmãs, pelo VIII centenário dos Estigmas do Pai São Francisco e pelo processo de revisão das Constituições Gerais, que entrou na sua terceira fase; o Cardeal Prefeito do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica convidam-nos a continuar “a discernir a vontade do Senhor para poder realizá-la em espírito de colaboração”.

Somos, pois, guiados num percurso através dos quatro continentes, juntamente com as irmãs que, em contextos culturalmente diferentes, mas espiritualmente não tão distantes, confirmam a declaração do Fr. Carlo Paolazzi, ofm quando diz que “a Francisco, basta um advérbio: «vivei sempre na verdade»”; lembra, assim, às «senhoras pobres» recolhidas em São Damião que o dom da sua vida de pobreza, caridade, e obediência no Espírito deve ser acolhida e vivida na dimensão da quotidianidade e da perseverança, de modo que a irmã morte corporal encontre as «filhas e servas do altíssimo sumo Rei, o Pai celeste», diligentes e vigilantes no cumprimento da santíssima vontade do seu Senhor” (cTc 61, p. 37).



Com as irmãs de Nantes refletimos sobre o desafio que constitui o viver na verdade, na unidade, na pobreza e no louvor no contexto atual, fortemente marcado pela mentira, pelo individualismo, pelo consumismo e pela hiper-velocidade.

A implantação da forma de vida clariana em Bomadi, na Nigéria, e o fim da sua presença em Arizkun, na Espanha, são certamente situações muito diferentes; no entanto, respondem à mesma exigência de «viver na verdade»: não uma verdade subjetiva, mas a verdade do Evangelho, nossa única «regra».

As irmãs de Cincinnati, EUA, e Cantalapedra, Espanha, contam-nos como isso só é possível numa atitude constante de discernimento, de escuta do Espírito do Senhor, para intuir onde e como Ele está já a operar, onde e como Ele nos chama para secundar a Sua obra.

“Escutar” é a palavra-chave que abre a exortação de Francisco e continua a ser a palavra-chave para nós: escutar cada voz - as Irmãs de Aitape, Papua Nova Guiné, no-lo dizem por experiência; escutar a história e o que nela germina, como grão de trigo sob a terra – sabem-no as irmãs de Brno, República Checa, testemunhas protagonistas de uma grande transição de época na Europa.

A Ir. Mary Andrew de Mbarara, Uganda, em poucas palavras, quase pinceladas, recolhe o significado profundo de tudo isto

Viver na verdade, aderindo à Palavra do Senhor até ao fim, até à Páscoa definitiva: recordamos o Fr. Enrique Gonzales Arango ofm, Delegado Geral ofm durante os primeiros anos do milénio, que recentemente nos precedeu na Casa do Pai; e a Ir. Bernardette Cotter osc, Presidente da Federação das nossas Irmãs da Irlanda e da Escócia, visitada pela irmã morte corporal durante o seu serviço materno.

A cada irmã e cada irmão que contribuíram para a edição deste número, a nossa profunda gratidão.



A todos vós que o ledes, convido-vos a compor juntos o próximo número, sobre o verso seguinte de *Audite poverelle*: Não olheis para a vida de fora, / porque a do espírito é melhor. / Rogo-vos, com muito amor / que tenhais discrição nas esmolas que vos dá o Senhor. (vv. 5-8).

Boa leitura!

*As irmãs da redação*

**Convidamos as Federações  
que celebram suas Assembléias eletivas a  
enviarem-nos os nomes  
da irmãs eleitas e dos seus Mosteiros, para  
podermos publicar  
na nossa Revista e na Acta Ordinis.**

**Obrigadas!**

# Ofício Pro Monialibus

---

## Carta do Delegado Geral

Queridas Irmãs e Queridos Irmãos!

Que o Senhor lhe dê a Sua paz!

A frase, ainda do primeiro verso da exortação escrita por Francisco, a título de testamento, às Senhoras Pobres do Mosteiro de São Damião, que nesta edição de nossa revista queremos meditar juntos é esta: *"Vivei sempre em verdade, para que em obediência morrais"*.

Nesta frase, percebemos a presença de dois substantivos muito importantes tanto para Francisco quanto para Clara, precedidos pela preposição 'em' (do latim: *in*), indicando, assim, o modo de vida, a atitude fundamental que deve permear e transparecer em tudo o que as *"Pobrezinhas"* vivem e fazem: *"em verdade"* e *'em obediência'*. Começemos com a primeira expressão.

*"Em verdade"*

A palavra "verdade" nos remete imediatamente a Jesus que, de acordo com o evangelista João, se autodefine como sendo "a verdade" (Jo 14,6). Assim, fica evidente que, no cristianismo, a verdade não é simplesmente um conceito ou uma teoria, mas uma pessoa, Jesus Cristo, com quem somos chamados a viver um relacionamento, ou seja, uma experiência de encontro e conhecimento cada vez mais profundos.

Desta forma, viver *"em verdade"* parece significar, antes de tudo, cultivar sempre mais profundamente aquela relação pessoal e, portanto, única e insubstituível com Deus, a partir da qual encontramos a nossa verdade, ou seja, a nossa verdadeira identidade, porque, como nos ensina São Francisco: "quanto é o homem diante de Deus, tanto é e não mais" (Adm 19,2). Além disso, significa viver de acordo com a verdade da encarnação do Filho de Deus,



caracterizada pela pobreza e a humildade, em outras palavras, viver “para seguir a pobreza e a humildade do Seu Filho dileto e da Virgem, Sua gloriosa Mãe” (*TestsC* 46).

Assim, compreende-se porque, no final de sua vida, naquele último texto dirigido às *Pobrezinhas* de São Damião, Francisco explica ainda melhor o que significa viver “*em verdade*”, quando diz, precisamente, que se trata de viver sempre “nesta santíssima vida e pobreza”, ou seja, de seguir sempre “a vida e a pobreza de nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de Sua Mãe santíssima” (*Uvol* 1-3).

“*Em verdade*”

Portanto, mais do que uma concordância teórica com as verdades da fé, viver “*em verdade*” diz respeito ao núcleo da espiritualidade de Clara e de Francisco, ou seja, o seguimento de Cristo pobre e a observância do Seu Santo Evangelho nos contextos comunitários, culturais e sociais em que nos encontramos, em outras palavras, na verdade das nossas diferentes situações concretas. Assim, mais do que de ortodoxia, sempre importante e necessária (cf. *RsC* 2,3; 12,13), trata-se aqui também de ortopraxis, isto é, de uma coerência de vida sempre maior, de fidelidade a uma *forma de vida*, àquele estilo de vida vivido por Jesus e assumido por Clara e Francisco como Regra.

É esta coerência entre o que se professa e o que se vive que a Igreja hoje espera quando convida toda a Vida Contemplativa a revisar seus textos legislativos, especialmente as Constituições Gerais, adaptando-os às novas normativas (cf. *VDq* art.14§2) e, como disse o Ministro Geral na sua carta de 27 de setembro de 2021, exprimindo-as “com uma linguagem mais atenta à sensibilidade hodierna e que leve em conta o caminho percorrido nestes quase quarenta anos”<sup>1</sup>. A propósito, compartilho convosco, neste número de *Comunhão e Comunicação*, a carta do Cardeal Prefeito do nosso Dicastério na qual nos encoraja a prosseguir com confiança neste processo de revisão.



### “Em obediência”

Pelo que refletimos até agora, fica evidente que a vida “*em verdade*” da qual Francisco e Clara nos falam seja expressão de uma grande acolhida e adesão ao Deus que nos foi revelado em Jesus Cristo e, portanto, deva ser vivida “*em obediência*” radical a Ele e ao Seu Evangelho.

É uma obediência na qual não somente viver, mas também, morrer, ou seja, na qual perseverar durante toda a existência, observando “para sempre a santa pobreza e humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Sua Santíssima Mãe e o santo Evangelho” (RsC 13), pois “bem-aventurados são aqueles a quem foi dado andar por ele e perseverar até o fim” (TestsC 73).

Aqui tocamos a delicada realidade dos pedidos de demissão das nossas Ordens por parte de Irmãs e de Irmãos mesmo depois de longos anos de vida consagrada, o que coloca não apenas a questão do *por que* eles e elas partem, mas também do *por que* nós permanecemos, ou seja, quais são as motivações mais profundas que nos sustentam no dom da fidelidade e na alegria da perseverança, que não deveriam ser outras senão o Senhor e o Seu Evangelho.

### “Em obediência”

De fato, nossa vida e morte em santa obediência fundamenta-se na obediência de Jesus, o qual humilhou-se e foi obediente ao Pai até a morte de cruz (cf. Fl 2,8). E na cruz de Cristo, explica Santa Clara, a *pobreza estupenda* e a *santa humildade* do Seu nascimento e de toda a Sua vida terrena atingem seu ápice naquela *caridade inefável* pela qual ele obedeceu ao Pai até o fim (cf. 4Leg 19-23).

Aqui, percebo uma grande sintonia entre Clara e Francisco que, na *Saudação às virtudes*, une precisamente a obediência à caridade como irmãs que se guardam mutuamente (cf. *Salvir* 3), fazendo-nos compreender, por um lado, que a motivação mais autêntica de qualquer expressão de obediência deve ser sempre o amor a Deus e



às suas criaturas e, por outro, que é na obediência aos mandamentos que se verifica o autêntico amor a Deus e ao próximo (cf. *Jo* 14,21).

*“Em verdade” e “Em obediência”*

Portanto, pelo vínculo de perfeição que é a caridade (cf. *Ci* 3,14), a verdade e a obediência se encontram, pois, como já dissemos, se o amor é a motivação profunda e a comprovação da verdadeira obediência, a verdade deve ser sempre vivida e dita com caridade (cf. *Ef* 4,15), porque é preciso “falar com o coração”.

Foi exatamente esse encontro da verdade com a obediência através do amor que aconteceu na vida de Francisco no admirável evento dos estigmas cujo oitavo centenário celebramos neste ano. De fato, movido pelo amor ao Cristo crucificado, a cuja pobreza e humildade foi obediente até o fim, Francisco recebeu o dom dos estigmas como selo da verdade e da autenticidade de toda a sua vida vivida no seguimento radical de Jesus Cristo (cf. *LM* 12,12).

Que também nós, movidos sempre pelo amor a Deus e às Suas criaturas, perseveremos na obediência a um seguimento de Cristo vivido na verdade da pobreza e da humildade.

Fraternalmente,

*Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm  
Delegado Geral Pro Monialibus*

<sup>1</sup>[https://ofm.org/uploads/old\\_site/sites/9/2021/10/110735-MinGen\\_PresOSC\\_ITA.pdf](https://ofm.org/uploads/old_site/sites/9/2021/10/110735-MinGen_PresOSC_ITA.pdf), p. 1

<sup>2</sup>A propósito, remeto ao documento do Dicastério sobre o assunto intitulado: *O Dom da Fidelidade e a Alegria da Perseverança*, 2020: [https://www.vitaconsacrata.va/content/dam/vitaconsacrata/LibriPPDF/Italiano/20\\_6029-testo\\_Ottimizzato-BOZZE.pdf](https://www.vitaconsacrata.va/content/dam/vitaconsacrata/LibriPPDF/Italiano/20_6029-testo_Ottimizzato-BOZZE.pdf)

<sup>3</sup>Papa Francesco, LVII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2023 - Falar com o coração. “Segundo a verdade na caridade» (*Ef* 4,15): <https://www.vatican.va/content/francesco/it/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>.



**DICASTÉRIO  
PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA  
E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA**

Cidade do Vaticano, 25 de janeiro de 2024

Prot. Nº R 77-1/2022

Revdo. Padre.

A sua valiosa missiva de 4 de dezembro passado, com a qual informaste a este Dicastério a respeito do estado dos trabalhos da Comissão internacional para a revisão das Constituições gerais da Ordem das Irmãs Pobres de Sta. Clara, chegou aos nossos Offícios.

Agradeço pelas notícias e pela documentação enviada, como também agradeço a toda Comissão pelo trabalho até agora, com paixão e solicitude, desenvolvido para o bem da Ordem.

Neste processo se abordam temas de grande atualidade e importância para as Comunidades de Irmãs espalhadas pelo mundo e se valoriza, como já fez a Comissão, a resposta rápida dos Mosteiros.

Convido-vos, portanto, a seguir neste caminho, para discernir a vontade do Senhor e poder agir como espírito de colaboração.

Aproveito a ocasião de saudá-lo no Senhor com o desejo de Paz e Bem.

*João Braz, cardeal de Aviz  
Prefeito*

# Ouvi Pobrezinhas

---



Francisco entrega a Regra a Clara  
(*Miniatura do Códice do Mosteiro de Novaglie*)

# Vivei sempre na verdade / para que em obediência morrais...

## ...em Brno, República Tcheca

### **Vivei sempre na verdade: A história das Irmãs Pobres de Sta. Clara na República Tcheca**

Quando exatamente as palavras de S. Francisco com a melodia “Ouvi pobrezinhas” pela primeira vez ressoaram na nossa nação, talvez nunca o haveremos de saber. Com certeza, porém, sabemos que o convite ao carisma de São Francisco e Sta. Clara chegou ainda durante a vida deles e jamais cessou de ressoar até nossos dias. A história das Clarissas da República Tcheca está tecida de tantas histórias, tanto velhas como novas, como conhecidas ou ainda desconhecidas.

A primeira inicia com Sta. Inês de Praga. Desde o início, ela e Clara dividiram uma experiência comum: ambas foram capazes de desafiar a política matrimonial das suas famílias e de *abraçar como virgens pobres o Cristo pobre*.



Sta. Clara e Sta. Inês  
(Susanne Ernst, pintura sobre painel)

Sua amizade é um testemunho de fidelidade para com um amor comum e para uma vocação comum assim como o foi o comum esforço para obter a confirmação legal de seus modos de vida. Inês provavelmente foi a primeira delas a enviar sua própria regra ao Papa e por isso foi punida severamente. Clara teve mais sucesso e conseguiu enviar sua regra a Praga antes mesmo de sua morte.



Pela documentação existente resulta claramente que desde o fim do sec. XIV o mosteiro de Inês de Praga não dispunha de entradas regulares.

Sta. Inês brilhou em todo o Reino tcheco como um grande exemplo inspirador. Cem anos após sua morte já existiam sete mosteiros. A maioria seguia a regra do Papa Urbano, porque qualquer outra forma de vida não era aceitável na sociedade de seu tempo. Nos legaram belíssimas obras de arte. A elas, porém, devemos sobretudo o fato que o nome e o carisma de Sta. Clara permaneceram vivos na nossa nação. Isso até os tempos do iluminismo. Em 1782 o imperador augsburgo e depois o rei tcheco José II, famoso reformador e modernizador, aboliu todos os mosteiros das clarissas. A semente que Sta. Inês tinha semeado, porém permaneceu na terra e estava para germinar.

Na Tchecoslováquia dos anos de '80 (a então federação Tcheca e Eslováquia), um grupo de jovens mulheres da cidade de Brno decidiu viver segundo a regra de Sta. Clara. Sabiam que, sob as restrições do regime ateu, arriscavam a prisão. Mas o chamado de Deus era mais forte. Viviam juntas numa pequena casa, iam trabalhar normalmente e, com a ajuda dos frades franciscanos, em segredo, sob o nariz da polícia comunista, tentaram viver uma vida contemplativa.



Uma história de heroísmo e de fidelidade à vocação que, então parecia não ser mais possível e plenamente realizável.

A canonização de Sta. Inês, como um milagre, acontece em 1989 e improvavelmente trouxe a liberdade, mas também a neces-



*Ir. Thoma e a senhora Müllerová,  
o dia da dedicação do nosso Mosteiro,  
1 novembro 1997*

sidade de um novo rumo. A convite de Ir. Thoma de Wüpping, osc, o inteiro grupo se transferiu para os Mosteiro das Clarissas em Paderbon, na Alemanha, para fazer a experiência de vida em um mosteiro. Ali iniciaram os preparativos para a fundação canônica de um mosteiro em Brno. As vocações se consolidaram gradualmente. Algumas irmãs deixaram o mosteiro e novas vieram. Em 1994 o primeiro grupo de irmãs, guiadas pela Ir. Thoma retornou a Brno para dirigir a construção do mosteiro de Soběšice.

Soběšice é um pequeno vilarejo, agora na fronteira sul de Brno. Aí se situa uma outra história marcada pela fidelidade. Soběšice tem na sua história a eliminação da capela da aldeia por parte de José II, porque “inútil”. As pessoas da localidade nunca aceitaram isso. Durante o século XX tentaram duas vezes construir uma nova capela. Uma tentativa foi frustrada pelos nazistas e outra pelos comunistas. Tudo parecia estar perdido. A senhora Otilie Müllerová, porém, não deixou passar em brancas nuvens o sonho de uma capela em Soběšice. Pressionou constantemente o bispo de Brno por uma nova igreja e, por acaso, quando encontrou aí as irmãs clarissas que procuravam um terreno para uma possível construção, as histórias se uniram e no dia primeiro de novembro de 1997



celebraram o final feliz com a inauguração do novo Mosteiro em Brno-Soběšice. Em 2006 o mosteiro foi canonicamente ereto e foi eleita a primeira abadessa, a Irmã Thoma, que retornou a Paderborn somente em 2012. No ano de 2022 celebramos os vinte e cinco anos do retorno de nossa Ordem na pátria de Sta. Inês de Praga.

Atualmente a nossa comunidade é composta por dez irmãs provenientes de República Tcheca e da Eslováquia. Vivemos uma vida contemplativa dentro da clausura papal, mas o específico da nossa comunidade é a estreita ligação com a comunidade paroquial de Soběšice. Para nós é alguma coisa que prezamos muito e é um enriquecimento. O cuidado espiritual, seja por nós como pela paróquia, é assegurada pelo Frades menores de Brno-Husovice. Temos também ótimas relações com outros mosteiros contemplativos de nossa nação: as irmãs capuchinhas, as irmãs dominicanas, as irmãs carmelitas e as irmãs Norbertinas (Piemonte) do mosteiro de Doksany, onde Sta. Inês de Praga passou parte de sua infância. Todos os mosteiros tiveram o mesmo ponto de partida e as mesmas condições depois da assim chamada Revolução de Veludo e a dissolução do comunismo. Portanto, desde os inícios, os encontros de formação em conjunto nos foram de um enorme apoio e encorajamento.

A história das Clarissas da nossa Nação é uma história entre tantas outras histórias. Uma história de destruições e renascimentos, uma história de fidelidade tanto em pequena





como em grande escala: a fidelidade das irmãs de Paderborn, que não caíram na tentação de ficar para elas algumas das “jovens vocacionadas”, a fidelidade de Irmã Thoma, que veio conosco na nossa Nação inicialmente por dois anos, para depois permanecer conosco – não obstante as armadilhas da difícil língua tcheca – por dezoito anos; a fidelidade da senhora Müllerová que simplesmente nunca deixou morrer o seu sonho; a fidelidade de outras irmãs que vivem hoje aqui, assim como daquelas que o senhor nos enviou para encontrá-Lo e a verdade pessoal de cada uma de aprender por si mesma que a verdadeira vocação leva a um lugar diferente. Sobretudo esta é a história de fidelidade do Senhor que permanece verdadeiramente fiel ao convite que nos fez. Até onde se falhou, Deus oferece a possibilidade de iniciar novamente exatamente nos lugares nos quais para nós seres humanos chegara o fim.

*Ir. M. Benedicta Lišková, osc*





## ...em Aitape, Papua Nova Guiné

### *Vivei sempre na verdade*

*Ouvi pobrezinhas!* É tudo uma questão de escutar: nós, as clarissas, de Papua Nova Guiné temos a sorte de ter um mosteiro na zona rural. Todos os dias e todo o dia ouvimos uma grande variedade de pássaros a cantar o louvor de seu Criador, cada um na sua própria língua. O coro inteiro de um bando de pássaros, no entanto, canta: “Graças, graças”: como não parar e unir as suas vozes a voz do nosso coração? Às vezes seu clamor se faz mais urgente: “Graças com todo o coração, graças”. Depois de uma forte chuva, é muito comum que as rãs se associem ao seu canto de alegria, recordando-nos que durante a estação seca





permaneram em silêncio em solidariedade por tantas que entre elas morreram por causa de uma seca muito forte.

Este é, portanto, nosso modo de guiar-nos e que nos convida a sempre ter o coração aberto ao Senhor e ainda revela a sua verdade para torná-lo conhecido uns aos outros tanto por meio do exemplo como pela palavra, e ainda também graças àqueles que encontramos ao longo da estrada. Os nossos vizinho e outros ao redor de nós passam um grande ensinamento, pois tem um modo de vida muito mais

simples do que aquele que temos no nosso grande e espaçoso mosteiro. Muitos que tem muito pouco, trazem a nós dons em forma de alimento ou dinheiro quando pedem ajuda por meio de nossas orações. Devemos viver a nossa vocação orante e estar sempre vizinhas ao Senhor – vivendo sempre na verdade – pois se trata dos valores mais importantes da nossa vida.

Somos todos filhos do mesmo Pai, por isso vivamos na verdade aceitando cada um como ele é, cientes que cada um de nós, todos os dias e de muitos modos deixamos a desejar. Mesmo





assim, antes de tudo, somos filhos amados, constantemente necessitados de sempre de novo ser perdoados, e devemos, por isso, ter constantemente presente a necessidade de perdoar-nos mutuamente.

Um outro lembrete para mim é quando rezo mais vezes ao dia: “Santa Maria, Mãe de Deus, roga por nós, teus filhos agora e na hora da nossa morte”. Peçamos o auxílio de nossa Mãe Maria para expulsar o pecado da nossa vida, porque também nós somos seus filhos amados e Ela deseja ajudar-nos muito mais de do que nós podemos fazer, porque quer que sejamos sempre amigos do seu amado Filho Jesus e que jamais nos afastemos Dele.

Aprender a viver todo o dia na presença de Jesus e de Maria deixando que nos conduzam ao pai com a luz e o poder do Espírito Santo e que transforma nosso coração a fim de que quando somos chamados

*... a morrer em obediência*

possamos responder livremente, porque temos aprendido a “nos dar totalmente a ele, / que se deu totalmente por nós”.

*Ir. Regina osc*





## ...em Nantes, França

### **Vivei sempre na verdade, para poder morrer na obediência**

“Como se defrontar com o desafio de viver a verdade da nossa forma de vida no contexto atual, perseverando na obediência a Deus nos acontecimentos da história e da vida quotidiana?”. Para responder a esta pergunta posta pela redação da cTc, nós fomos confrontadas durante uma assembleia comunitária. Estamos partilhando com vocês o fruto deste encontro.

Primeiramente nos perguntamos como os diferentes termos desta pergunta ressoaram em nós.

O que entendemos com a expressão “forma de vida” e quais são as principais facetas dessa expressão? A nossa forma de vida nos oferece um quadro para VIVER “juntas” e “com Jesus” uma vida de oração em “pobreza e simplicidade”, “separadas”, uma “vida fraterna” com a marca da “corresponsabilidade” e do “serviço mútuo”, na “alegria” e “no desejar o Espírito do Senhor” na quotidianidade de nossa vida.

E a verdade? A Verdade é Cristo que se fez obediente até a cruz. Somos chamadas a viver a Verdade na nossa forma de vida: viver o evangelho, juntas, como irmãs pobres. A verdade em relação conosco mesmas, com Deus e com os outros. Numa observação de uma irmã Clarissa italiana, temos percebido a ligação que se cria entre este convite a “viver na verdade” e o termo “*honestas*” que Clara utiliza na Regra e no Testamento, ou seja, fazer “o que convém”. “Viver na verdade” implica, pois, um discernimento. Somos chamadas a viver essa “vida na verdade” na França, no contexto cultural, eclesial, monástico como clarissas hoje. Na nossa vila a Igreja católica, após ter tido uma marca importante na sua história, está se tornando minoritária. Na



confederação estamos nos confrontando com o fechamento de muitos mosteiros, o que nos leva a rever nossas estruturas da federação. Isso dentro de uma Igreja muito marcada pela crise dos abusos sexuais. Quais são então os desafios que se nos apresentam e como nos esforçamos em afrontá-los?

### **O desafio da verdade num mundo onde a mentira reina nos meios de comunicação sociais.**

Para seguir o Cristo que é o Caminho, a Verdade e a Vida, devemos discernir “o que é mais conveniente” fazer. Como podemos discernir? Somente colocando-nos de frente da Palavra de verdade transmitida por meio do Evangelho podemos avançar, mas também retornando às nossas fontes franciscanas e clarianas. Nas nossas assembleias comunitárias praticamos a “conversação espiritual” (como no último sínodo sobre a sinodalidade). Cada irmã tem alguns minutos para livremente expressar-se, sem que as outras inicialmente reagissem. Depois, num segundo giro de confronto e de aprofundamento, essas palavras são retomadas para chegar às decisões concretas e necessárias. Escutar a outra na sua singularidade e alteridade é importante e frutuoso.

### **É o desafio de construir a santa unidade e a fraternidade num mundo marcado pelo individualismo.**

Como tomar decisões que levam em conta tanto o equilíbrio pessoal de cada uma, como do “bem comum” que permite construir o corpo comunitário? Alguns exemplos concretos: Para encontrar um equilíbrio entre a vida comunitária, trabalho, cuidado para com as irmãs idosas, decidimos numa assembleia comunitária de aceitar a presença de um ajudante e assíduo frequentador nossa pequena tipografia (de onde tiramos as fontes de renda). Constituímos ainda um pequeno grupo inter-geracional de duas ou três irmãs para os serviços ou para organizar momentos de festa, de “limpezas gerais”. Isto permite a todas de sentir-se “responsáveis” e de as mais idosas transmitir sua sabedoria



às mais jovens. Por meio de tudo isso transparece a verdade da fraternidade. Santa Clara na Regra estabelece os lugares (o capítulo, o conselho) onde o diálogo entre as irmãs pode ajudar a avançar juntas na verdade.

**O desafio é de viver na pobreza no mundo ocidental marcado pela “sociedade de consumo”.**

Se materialmente não vivemos uma grande pobreza, talvez seja pela falta de forças vivas que devemos acolher a nossa pobreza mais evidente. Necessitamos da ajuda de profissionais ou voluntários em diversos ambientes: enfermaria, jardim, manutenção do mosteiro, como também para a preparação das refeições. Atualmente a maior pobreza para nós é estar obrigadas a enviar uma coirmã para continuar a sua vida numa estrutura de acolhimento para anciãs dependentes. É uma desapropriação radical para a coirmã. É uma desapropriação radical para a irmã que jamais teria pensado, ao entrar num mosteiro, de assim terminar sua vida. Uma situação muito dolorosa também





para a abadessa e seu conselho, que deve tomar decisões, como também para a comunidade que vê um de seus membros afastar-se. “O privilégio da pobreza” nos leva a não ter outra segurança a não ser o Senhor. Apoiamo-nos nele, para nos reforçar mais na via teológica da fé, da esperança e da caridade. Aproximamo-nos da experiência de Francisco, que encontra nesta pobreza abertura para relações, para a solidariedade com os coirmãos e coirmãs na humanidade.

**O desafio de “viver para louvá-lo, de conservar em primeiro lugar a oração e de perseverar na nossa “separação” de um mundo hiperconectado, onde tudo se move rapidamente.**

Recebemos um bom número de pedidos de todos os tipos: solicitações para produzir transmissões, reportagens, de deixar passar um tempo no mosteiro para criar um espetáculo de dança, de testemunhas... Isso nos chama a fazer regularmente discernimento, para “testemunhar com nossa vida” a Boa Nova para a qual somos empurradas pelo amor de Cristo e, ao mesmo tempo, de permanecer fieis a nossa primeira missão: a oração. Neste último ano, auscultando os documentos *Vultum Dei quaerere* e *Cor Orans* como ainda as reflexões das nossas Constituições, trabalhamos também na elaboração de uma norma comunitária para garantir o bom uso da internet e dos novos meios de comunicação. Isso tem como finalidade preservar o clima de silêncio e de retiro necessários para nossa vida sob o exemplo de Clara e das irmãs. Sem desenvolvê-los posteriormente temos também algumas relevâncias: o desafio de um sadio exercício da autoridade num contexto de revelação de abusos e da existência de numerosas ditaduras; o desafio de tomar conta da nossa casa comum e o desafio da fidelidade e da constância e (do testemunho de alegria que nos concedem) num tempo marcada por uma “crise de responsabilidade”. Para “viver sempre na verdade e morrer na obediência”, temos a graça de poder contar com o apoio de Igreja, tão cara à nossa mãe Sta. Clara.



Além da visita canônica vivemos um belo exemplo no último verão quando foi preparada a novena preparatória para a festa de Sta. Clara. Em junho, nosso bispo, na revista diocesana, nos convidou a “tomar consciência de que é próprio do nosso mundo, da nossa sociedade, que sejamos enviados e temos, individualmente e coletivamente, a nossa parte para desenvolver, a fim de que venham a paz, a fraternidade e a justiça”. Propomos, portanto, para cada um dos momentos de oração da nossa novena, um desafio do nosso mundo que ele recolheu no seu artigo, como: a violência, a inflação, a bioética ou ainda os abusos de poder e procuramos, dentro do nosso carisma, elementos para oferecer tais como escolha da pobreza, do serviço, da obediência... Assim os desafios do mundo se tornaram oração comunitária e convite para que se tornem sempre mais audazes no Senhor, para sua glória e a salvação do mundo.

Aquele que deu a graça a Clara e às suas irmãs de começar bem, nos dê também, ele a todas nós, Irmãs pobres no ano de 1224, a graça de florescer nele e de perseverar até o fim.

*As irmãs de Nantes*





## ...em Cantalapedra, Espanha

### **Vivei sempre na verdade!**

Se alguém perguntaria a nós, como Pilatos o fez ao nosso salvador: “O que é a verdade?” com certeza não precisaria nem de um segundo para responder: Jesus Cristo! Jesus Cristo é a verdade! Assim “viver sempre na verdade” não será para nós mais do que viver n’Ele. Nossa vida de Irmãos Pobres não consiste em outra coisa senão em percorrer esta senda da felicidade com os olhos fixos Nele.

Nosso mundo, nosso tempo, nossos irmãos – os homens desta Europa a qual já S. João Paulo II via necessitada de um impulso que não poderia acontecer senão a partir de uma nova escuta do Evangelho de Cristo -, para nós irmãos é uma palavra de Deus que deve ser respondida. Para isso, necessitamos ter o Espírito do Senhor, porque somente Ele se constitui na própria fonte a partir da qual se pode viver, a cada dia, a fidelidade ao espírito da verdade: esta é uma opção de viver em contínuo discernimento, tendo sempre diante de si esta pergunta: “Senhor, que queres de nós? Ilumina nosso entendimento para que cumpramos teu santo e verdadeiro mandamento”.

Na nossa comunidade, ou seja do mosteiro do Sagrado Coração de Cantalapedra – a partir do momento que escrevemos estas letras -, experimentamos esta necessidade de “viver em contínuo discernimento”, e também podemos proclamar que somos testemunhas das enormes bênçãos que nosso Pai das Misericórdias associa ao desejo de ser dóceis à divina inspiração.

A cada dia mais fica demonstrado que a fidelidade à verdade jamais é a realização de projetos pessoais e muito menos comunitários, por mais altos e nobres que estes possam ser, mas é a acolhida e a realização do projeto de Deus aqui e agora na nossa história.



Que história concreta é esta? São muitas as facetas que deveríamos trazer para poder oferecer um esboço como uma imagem dela. A Espanha, como a maioria dos países europeus, foi, no passado, um lugar de muitas vocações. Agora passa por uma crise de valores e de perda de identidade que tem as repercussões que se poderiam esperar. Nossa geografia, então salpicada por prósperos mosteiros, passa agora por uma prova de sofrimentos de muitas comunidades que veem diminuir suas forças e aproximar-se de um desfecho final. Que seja um morrer para dar fruto, que nem por isso deixa de ser doloroso.

Nossas portas abriram pela primeira vez, já fazem seis anos, às irmãs de um mosteiro que devia ser fechado. O discernimento comunitário foi simples e rápido: “Se Jesus bate em nossa porta, na verdade ‘essa já é casa sua!’ acolhemos então cinco irmãs anciãs e dependentes. Alguns anos depois teve que ser supresso outro mosteiro e também tivemos a alegria de poder receber esta comunidade. Estas irmãs idosas, que se uniam a muitas irmãs, também de idade avançada, que já faziam parte de nossa comunidade, fizeram com que a fisionomia da fraternidade sofresse muitas mudanças: a proporção de irmãs idosas e dependentes é muito alta. Isto que é uma inestimável riqueza, contem também uma fragilidade que deve ser atendida e não pode esquecida. Por outro lado, o Senhor continua a chamar jovens para seguir o carisma de Francisco e Clara e não podemos deixar de agradecer ao Pai das Misericórdias este dom de novas vocações.

Novamente bate à porta o discernimento: Como fazer para poder atender convenientemente as necessidades de nossas irmãs idosas e doentes e manter uma forma de vida, assim como a desejavam nossos seráficos pais e que não desiluda as que desejam abraçá-la.

Com isso experimentamos nossa precariedade: o que que antes era suficiente, não o é mais. O que antes tranquilamente se dava conta, passou a requerer todo um enorme desgaste de meios.



Experimentamos o modo de como se multiplicavam realmente tarefas impreteríveis que não dávamos conta. Chegou-se a tentação de deixar as coisas como estavam, pois ... “sempre se fez assim!” e simplesmente acelerar nosso ritmo, ser mais eficazes e com facilidade deixar de lado o era possível...

Estamos muito agradecidas a Deus porque esta situação sacudiu nossa comunidade e fez ecoar com força a voz de nossa mãe santa Clara: “Te suplico e aconselho... uma só coisa é necessária... não perca de vista teu ponto de partida, conserve o que tens, faça o que estás fazendo e não o deixes... não te afastando de nada que queira desviar-te desse propósito ou que ponha obstáculos em teu caminho para que não cumpras teu votos ao Altíssimo naquela perfeição que o Espírito do Senhor te chamou”<sup>1</sup>. O discernimento já tinha sido criado. Para viver na verdade, fiéis à nossa forma de vida, teríamos que continuamente acentuar o valor daquilo que queríamos reter e daquilo do qual queríamos nos desprender; o que teríamos que fazer e o que deveríamos abandonar.

Foram feitas muitas mudanças que colocaram nossa criatividade à prova: arranjos no horário, abandonar trabalhos que não conciliavam a atenção necessária às irmãs, desistir de belos projetos que não eram compatíveis, adaptar as instalações, ampliar, construir novas derrubando velhas...

Uma que outra vez, nos nossos capítulos pedíamos a Deus seu Espírito para discernirmos como ele queria que vivêssemos na Verdade de sua Vontade. Cada mudança sempre impunha um certo respeito, porém sabemos, como o povo de Israel, sempre guiado por uma coluna de nuvem ou de fogo, éramos prendadas por uma grande paz. Quando nossa seráfica Madre fugiu da casa paterna, tampouco tinha um plano como objetivo. Ela foi para São Paulo das Abadessas sabendo que aí permaneceria “até que o Altíssimo dispusesse outra coisa”<sup>2</sup>. Isso orientou, não somente os inícios de sua vocação, mas também toda sua



existência. Graças a isso, no momento de morte, a Senhora Clara podia dizer à sua alma “Vá segura que você tem uma boa escolta para o caminho”<sup>3</sup>. Ela conhecia essa “escolta”, ou seja, aquela que a tinha acompanhado toda sua vida: o Espírito do Senhor que a ia inspirando como amar totalmente, como agradecer a Deus.

Não seria justo se ao concluir estas linhas não sublinhássemos que toda esta experiência não fez outra coisa do que colocar diante de nossos olhos, de forma clara, a beleza da viver na verdade do Evangelho: o senhor derramou sobre nós uma boa medida, calcada, sacudida e transbordante... A providência se manifestou com toda a sua generosidade. As irmãs que o Senhor no presenteou, plenas de sabedoria em sua ancianidade e desejo de viver verdadeiramente sua profissão, nos deram maravilhosos exemplos de pobreza e desprendimento, caminhando como peregrinas e cheias de juventude, desprendidas de tudo, unicamente abraçadas ao Cristo Pobre e Crucificado.

Se fosse possível trazer algo que mostram a beleza do que Cristo está nos presenteando para viver... alguém, por acaso, pode imaginar o que é uma procissão de Corpus Christi, percorrendo a horta com Jesus eucarístico – majestoso em seu ostensório – escoltado por dezesseis cadeiras de rodas empurradas por outras tantas irmãs que se rivalizam pelo privilégio de ser as portadoras destes “tesouros”? Pode ser um pouco complicado organizar, porém é simplesmente fantástico...

Nas palavras do Papa Francisco: “Eis a vida consagrada: louvor que dá alegria ao povo de Deus, visão profética que revela aquilo que conta. Quando assim é, floresce e torna-se para todos um apelo contra a mediocridade: contra as quedas de altitude na vida espiritual, contra a tentação de jogar por baixo com Deus, contra a adaptação a uma vida cômoda e mundana, contra a reclamação, insatisfação e lamento da própria sorte – as queixinhas! -, contra o habituar-se a «fazer aquilo que se pode» e ao «sempre se fez assim». Estas não são frases segundo Deus. A vida



consagrada não é sobrevivência, não é preparar-se para «ars bene moriendi»: esta é a tentação de hoje face ao declínio das vocações. Não! Não é sobrevivência, mas é vida nova. «Mas... somos poucas!» É vida nova. É encontro vivo com o Senhor no seu povo. É chamada à obediência fiel de cada dia e às surpresas inéditas do Espírito. É visão daquilo que importa abraçar para ter a alegria: Jesus”<sup>4</sup>.

*As irmãs de Cantalapedra*

---

<sup>1</sup> Cf. 2ª carta de Sta. Clara a Sta. Inês de Praga, 10ss.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Petrópolis, Vozes, 2019, p. 1706.

<sup>2</sup> Legenda de Sta. Clara 8.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Petrópolis, Vozes, 2019, p. 1793

<sup>3</sup> Legenda de Sta. Clara 46.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Petrópolis, Vozes, 2019, p. 1816.

<sup>4</sup> Papa Francisco, Homilia na Festa da Apresentação do Senhor, 2 de fevereiro de 2019.



## ...em Cincinnati, EUA

**Sempre permanecendo disponíveis para escutar isto que Deus nos chama a fazer (*obediência*) na nossa realidade atual (*verdade*).**

No de 1875 o papa Pio IX enviou duas mulheres para o outro lado do Oceano Atlântico para levar a Forma de Vida das Irmãs Pobres aos Estados Unidos. Madre Maria Madalena Bentivoglio e sua irmã, Ir. Constância Bentivoglio, chegaram a Nova Iorque e começaram uma longa e difícil viagem, por centenas de quilômetros, atravessando diversos estados, em busca de uma diocese que aceitaria, neste “novo” mundo, em seu território, uma ordem contemplativa. *O fato era que em 1875, muitos bispos estavam à procura por irmãs religiosas de vida ativa para dar assistência nas escolas, orfanatos e hospitais. Havia muito pouco interesse hospedar irmãs contemplativas. Finalmente em 1878 sua perseverança foi recompensada quando as irmãs foram acolhidas em Omaha (Nebraska) e foi construído o primeiro mosteiro da Ordem de Sta. Clara (OSC) nos Estados Unidos.*

No ano de 2025 celebraremos ao 150º aniversário da chegada da Forma de Vida de Sta. Clara nos estados Unidos. Este aniversário tem um significado especial para nossa comunidade de Cincinnati. Com a fundação no nosso mosteiro em Cincinnati, no ano de 1990, final-





mente temos mosteiros de Clarissas em todas as cidades dos Estados Unidos nas quais Madre Madalena e Constância tentaram criar fundações.

Por 125 crescemos (1875-2000). Neste período foram fundadas 30 novas fundações, seja nos Estados Unidos como também em outros países (Bolívia, Brasil, Canadá, Guatemala, Japão e Coreia do Sul). Apesar de que o declínio generalizado do número de vocações tenha iniciado muito antes, os efeitos desta queda começaram a ser sentidos em alguns dos nossos mosteiros não antes do ano de 2000. Nos inícios do século XXI, no entanto, a *nossa realidade estava mudando*.

Entre os anos de 1990 a 2014 nossa comunidade de Cincinnati cresceu de três a oito irmãs professoras solenes. No ano de 2000 a comunidade torna-se intercultural e “internacional” com o ingresso de Ir. Rita que veio da Coreia do Sul. Nos anos de 2006 e 2010 acolhemos outras duas irmãs: Irmã Pia e Ir. Luiza originárias das Filipinas. Mesmo entre as americanas temos irmãs que chegam de tradições e contextos diferentes. Fazemos o melhor de nós mesmas para aprender a conhecer-nos mutuamente e para crescer nas nossas relações, reconhecendo como o diferente pode enriquecer nossa vida comunitária.





Com o passar dos anos, mesmo recebendo sempre menores pedidos por parte de mulheres interessadas pela nossa Forma de Vida, permanecemos sempre empenhadas na nossa vocação. Mantivemos a vigilância necessária para compreender isto que o Senhor nos pede neste novo século, ou seja, o século XXI. Com fé e perseverança nos mantivemos esperançosas que Deus revelasse seus planos a nosso respeito.

O passo seguinte a respeito deste plano se revelou em 2018. As nossas irmãs de Memphis (Tennessee) após ter feito o discernimento a respeito da necessidade de fechar seu mosteiro, nos contataram e queriam avaliar a possibilidade de transferir uma ou mais irmãs para Cincinnati. Este passo não foi rápido, porque requeria muito discernimento, planificação e também a presença de um intermediário/facilitador.

Acolher irmãs que se transferem de mosteiros que estão sendo desativados pode apresentar diferentes desafios, especialmente se se tem a ver com doentes e idosas. Em junho de 2019 acolhemos em Cincinnati a primeira irmã proveniente de Memphis, Ir. Alma. Há muitos anos, diante de um projeto da nossa comunidade referente à assistência às nossas anciãs, temos feito um contrato com as Irmãs de Notre Dame De Namur (SNDdN) para acolher na sua estrutura de cuidados com a saúde irmãs que exigiam um tipo de assistência especial em enfermagem que nós não tínhamos. Ir. Alma, com 89 anos, necessitando de cuidados melhores daqueles que podíamos dar no nosso mosteiro, foi a primeira de nós a ser transferida para a estrutura sanitária SNDdN.



Ir. Alma



Após poucos meses, no mês de novembro de 2019 acolhemos uma outra irmã de Memphis, a Ir. Mary Anthony aqui em Cincinnati. Nos meses que se seguiram descobrimos que Ir. Mary Anthony era cardíaca e em situação muito grave e que requeria urgentemente uma operação com coração aberto. Como complicador nos encontrávamos em plena pandemia de Covid-19. Graças à generosidade da Clínica de Cleveland e de seus especialistas, Ir. Mary Anthony teve a intervenção necessária e se convalesceu na estrutura SNDdN antes de voltar ao mosteiro.

A nossa atividade vocacional continua. Outras mulheres continuam a fazer pedidos e algumas destas entram para um encontro inicial ou para experiência de vida num mosteiro, mas nenhuma chegou a ser acolhida como postulante. No início de 2023, após a morte da Abadessa do mosteiro de Evansville (Indiana) no dia 26 de dezembro de 2022, uma das 4 irmãs que sobraram se dirigiu até nós e pediu para poder fazer discernimento para uma possível transferência para Cincinnati. Esta parecia ser uma situação muito urgente sob vários aspectos, mas nós tomamos o tempo necessário para discernir isto que o Espírito nos estava pedindo para fazer. O acolhimento da Ir. Beatriz de Evansville apresentava seus desafios. Essa irmã não tinha ainda completado o período de dois anos para a transferência de seu mosteiro na Tanzânia, e por isso não significava somente iniciar um novo período de dois anos para a nova transferência, mas também consultar os advogados da imigração, seja em Evansville como também para Cincinnati, pedir ulteriores licenças para o governo e esperar as licenças necessárias. Acolher a Ir. Beatriz na nossa comunidade no dia dezoito de maio de 2023 foi uma bênção.

Enquanto escrevia este artigo, nossa comunidade de Cincinnati está ainda discernindo sobre a acolhida de duas irmãs de diversos mosteiros que provavelmente em breve fecharão. Uma destas irmãs passou um mês entre nós para o discernimento e outra espera fazê-lo em breve. Se estas



transferências acontecerão nossa comunidade chegará a um total de 13 irmãs solenes (12 em casa e uma na estrutura SNDdN). Porque nosso mosteiro foi construído para hospedar um máximo de 12 irmãs – *que é a nossa atual condição em 2024* – logo os quartos disponíveis estarão todos ocupados! É uma bênção do Senhor o fato de pudermos acolher estas irmãs em nossa comunidade de Cincinnati e estamos gratos aos nossos benfeitores que sustentam o aumento do número de irmãs e proveem as nossas necessidades.

No mundo de hoje se continua a experimentar violência, opressão, pobreza e sofrimento. Mesmo que alguns aspectos da nossa realidade mudem com o tempo, permanece constante a nosso chamado como Irmãs Pobres a viver uma vida segundo o evangelho e ser uma contra corrente frente a cultura atual. Assim como Sta. Clara e suas irmãs eram fochos de luz e esperança no XIII século, vivendo a pobreza radical e permanecendo fiéis na sua vida de oração e contemplação, nós continuamos a levar aquela luz no XXI século. *Permanecemos dedicadas a viver sempre na verdade e permanecer obedientes à nossa vocação.*

*Ir. Vickie Griner, osc  
e as irmãs de Cincinnati*





## ...em Arizkun, Espanha

### **Avance cautelosamente palmilhando o caminho das bem-aventuranças (Sta. Clara)**

Caríssimas irmãs: Paz e Bem!

Foi-me solicitado dizer o motivo e o caminho que nos fizeram tomar a decisão de fechar nosso mosteiro e de, com toda liberdade, ir a outras comunidades, cientes da verdadeira situação que vivemos.

Nosso mosteiro se encontra em Arizkun, uma pequena e belíssima vila no norte de Navarra (Espanha). A nossa fraternidade sempre foi muito numerosa. Nos últimos anos, no entanto, causada pela morte de muitas irmãs e pela falta de novas vocações, nos encontramos muito necessitadas. Entre janeiro e março de 2023, voltaram para a casa do Pai duas irmãs que, apesar de sua idade avançada, gozavam de boa saúde.

A fraternidade ficou reduzida a sete irmãs, entre as quais três se encontram entre 55 e 75 anos. Acrescente-se a isso a frágil situação física e psíquica das irmãs mais idosas. Isso empobreceu muito, tanto a vida litúrgica como a vida fraterna e, ao mesmo tempo, nos encontramos em dificuldade de servir as irmãs anciãs e doentes, como ainda levar adiante os diferentes ofícios e trabalhos, e de responder adequadamente às diversas situações que o dia a dia se nos apresentam.

Por isso tudo, surgiu a interrogação que até agora marcou o nosso caminho: “Senhor! que coisa queres destas irmãs? Como podemos continuar a viver com paixão a nossa vocação? Assim tanto a oração como a vida diária tornaram-se o lugar favorável para acolher os sinais através dos quais o Senhor nos está manifestando sua vontade.

Nestes meses, portanto, temos tido a ocasião de entre nós ter um diálogo rico e fraterno, sempre acompanhadas



dos verdadeiros “padres” que nos mantiveram na estrada do Senhor. Foram meses nos quais seguidamente nos ajoelhamos diante Dele porque isto que desejávamos ainda uma vez mais é dar toda nossa vida ao Senhor, assim como ele quer: aqui e agora.

Aquilo que temos experimentado como o dom mais importante que o Pai das misericórdias nos concedeu é a nossa vocação que faz de nossa vida uma oferenda de alegria e paz, mas também de dor e de amor: “Entre os outros dons que recebemos e que todos os dias temos recebido de nosso Doador, o Pai das misericórdias, pelo que sempre mais devemos dar graças ao mesmo glorioso Pai, é a nossa vocação, e quanto maior e perfeita ela for, tanto mais estamos compromissadas com ele” (Sta. Clara, Testamento).

Este foi o motivo que nos levou de tomar a decisão de fechar nosso mosteiro. Somos chamadas a uma vocação realmente grande e queremos vivê-la plenamente. Lembro o momento da profissão na qual foi dito pelo celebrante: “O Deus que te concedeu o dom da vocação, te conceda também vivê-la plenamente e também de poder nela perseverar até o feliz dia do encontro com Cristo, teu esposo”.





Estas inesquecíveis palavras novamente ressoam com força no nosso coração e não queríamos renunciar a um tão grande convite. No entanto por outro lado, estávamos cientes que a nossa atual situação não nos permitia cumprir aquilo para cuja finalidade somos chamadas e desejaríamos viver. Por isso, com muito sofrimento e sacrifício que esta situação comporta, todas nós irmãs, em grande comunhão, temos renovado confiantemente nosso *fiat* ao Senhor porque Ele que, quando pede uma renúncia, promete um dom ainda maior. Depois de um sereno diálogo com a Madre Presidente e o Padre Assistente damos os primeiros passos.

O primeiro e mais importante passo foi aquele de pedir ao Senhor de mostrar-nos o lugar para onde ele mesmo agora nos chama. Não queríamos nós mesmos a escolher o mosteiro, mas antes desejávamos que fosse Ele, como no início da nossa vocação, a chamar-nos novamente para uma fraternidade, junto com as irmãs que Ele mesmo queria nos dar.

Impulsionadas por este desejo do coração, começamos a visitar aquelas comunidades onde o Senhor nos possibilitava conhecer outras irmãs, vivendo por algum tempo com elas e compartilhando a vida e a vocação. Com o passar do tempo nos damos conta que dentro de nós ressoava fortemente a chama para continuar sobre aquele caminho. Foi, de fato, comovente pensar o modo simples e fraterno com o qual as irmãs nos acolheram e tomaram conta de nós e se disponibilizaram a ajudar-nos neste período tão delicado. Junto com elas tivemos a oportunidade de experimentar que o nosso desejo de nos doar inteiramente ao Senhor cresceu sempre mais.

Sob este aspecto posso dizer que é um privilégio e que estamos muito felizes de percorrer este caminho de discernimento: de fato foi um tempo de uma segunda chamada!

É também verdade que este tempo não está livre de sofrimentos e de sacrifícios. Nos foi dado o tempo de viver a



cruz ao lado do Senhor: não poder andar junto na mesma comunidade, deixar nossa própria casa... tantas coisas já bem conhecidas! Todavia começamos também a receber os frutos da Ressurreição. Neste “sim” nos foi oferecida uma nova vida e ela nos faz caminhar, como nos ensinou a nossa Madre Clara: “...*com passo ligeiro e pé seguro, de modo que seus passos nem recolham a poeira, confiante e alegre, avance com cuidado no caminho da bem-aventurança*” (Sta. Clara. 2ª Carta, 13. In *Fontes Franciscanas e Clarianas*, p. 1706).

Estamos seguras que este é o caminho da felicidade e não queremos apostar num outro. O sofrimento não é um obstáculo para a felicidade. Muito pelo contrário! Já experimentamos em outras circunstâncias, que abraçando a cruz e, sobretudo, Aquele que está suspenso nela, o Cristo pobre e crucificado, a dor se transformou em graça; e para nós este sofrimento está se tornando realmente um caminho de graça. Sim, hoje, porque cada dia vemos como o Senhor nos acompanha, nos sustenta e nos guia por meio do afeto e da proximidade de tantas irmãs que nos estão ajudando, de modo particular aquelas que nos acolherão nos seus conventos; assim também vemos como quantos são os amigos que se preocupam conosco, os vizinhos do lugar que com estima e afeto vem encontrar-nos.

O fechamento está se avizinando. Está previsto para o fim do mês de junho. Com o passar dos dias e das semanas os *sinais* de que isto que está para acontecer se multiplicam: o mosteiro lentamente está se esvaziando. Levamos as primeiras irmãs idosas para outras comunidades, foram enviados os documentos ao Dicastério etc. Cada passo comporta um aperto no coração e lágrimas nos olhos. No entanto, no meio destas dores e destas lágrimas, recebíamos em abundância a consolação do Senhor e as suas promessas, como nos recorda Sta. Clara: “*Se você sofrer com ele, com ele vai reinar; se chorar com ele, com ele vai se alegrar; se morrer com ele na cruz da tribulação, vai ter com ele mansão celeste nos esplendores dos santos. E seu nome, glorioso entre os homens, será inscrito no livro da*



vida” (Sta. Clara, 2ª Carta. In *Fontes Franciscanas e Clarianas*, p. 1707).

Queridas irmãs! Desejo terminar estas minhas palavras com um texto de Adrienne Von Speyr, no qual ela nos coloca diante da esperança e da fecundidade na nossa vida quando esta é doada, tornando-se cooperadora do próprio senhor como a virgem Maria: *“A cooperação com as obras da graça é sempre fruto de uma renúncia. Toda renúncia feita em nome do amor resulta fecunda a partir do momento que deixa espaço para a aceitação de Deus e Deus espera somente a aceitação do homem para mostrar aquilo que o próprio homem faz junto de Deus. Ninguém, com exceção de Maria, renunciou a tudo quanto fosse seu para deixar Deus agir e de modo tão pleno; por este motivo Deus não concedeu a ninguém um poder de colaboração maior do que aquele concedido a Maria. Por meio da renúncia de todas as suas possibilidades, ela obtém uma realização que vai além das possíveis esperanças humanas...”* (Adrienne Von Speyr, *Ancilla Domini*).

Rezai por nós. As trazemos no coração.  
Unidas sempre em Cristo, a vossa irmã

*Ir. Maria Nieves Ruiz, osc*





## ...em Bomadi, Nigeria

### Com alegria partilhamos nossa experiência

*Somente uma coisa no espírito,  
somente uma coisa no Senhor,  
caminharemos de mãos dadas, caminharemos lado a lado  
falaremos mutuamente a linguagem do amor,  
e louvaremos o Espírito que nos une.*

A partir de uma das muitas aldeias nas margens do rio da região chamada Ijwo, rodeadas pelas águas do rio e de gigantescas árvores tropicais, a nossa voz se une ao hino de louvor de toda a criação Àquele que nos criou. Este é o lugar onde as esposas, escutando a voz do Esposo, viemos, porque também aqui a chama do Evangelho continua a arder sob as pegadas dos nossos seráficos ‘pais’. O Senhor confiou a suas humil-des servas esta nobre missão. Todo o dia é a história de como a graça de Deus nos trouxe até aqui e é, por isso, um canto de louvor.

A fundação teve início há seis anos e ainda estamos completamente dependentes do mosteiro de origem. São seis anos de diferentes experiências que tentamos exprimi-las por meio de palavras, porque a realidade da vida quotidiana está em constante mudança.

Lembramo-nos do início desta aventura, quando na tarde de 21 de janeiro de 2017 chegamos à aldeia,





acompanhadas da Madre Anuarite, do Zâmbia, naquele momento a Madre Presidente das clarissas de língua inglesa na África. Ela tinha vindo à Nigéria para a visita canônica. Conosco estava também o Pe. Calisto, um sacerdote claretianos, nosso amigo. As crianças da aldeia estavam extremamente curiosas vendo em seu meio estas “estrangeiras”. Seus rostos diziam que “aqui está acontecendo algo de novo”, enquanto procuravam ajudar-nos a descarregar o carro. Aos nossos ouvidos, sua linguagem se assemelhava a um caldeirão pela continua repetição de “*emene, emene*”. Parece um milagre que hoje, pouco a pouco, estamos em condições de compreender e de falar um pouco desta língua.

Na manhã do primeiro domingo enquanto rezávamos o rosário, caminhando em direção à igreja para participar da santa missa, ficamos chocadas ao ver mulheres e meninas lavarem-se no rio meio nuas e os homens, fazendo a mesma coisa, no outro lado do rio. Para eles parecia normal. Bomadi é uma aldeia pequena, mas densamente





povoada, porque as meninas a partir dos 13 anos em diante começam a ser mães sem se casar. Uma mulher pode ter até seis filhos de seis diferentes homens. Os jovens não mostram muito interesse pelas coisas de Deus ou pela escola, isso porque também de noite estão habituados a andar pela rua, único lugar onde existe um pouco de luz. O interesse por Deus, como em outros lugares, não está enraizado desde sua infância. No nosso coração percebemos ter uma grande responsabilidade para com estes nossos irmãos e irmãs.

Todos os dias é celebrada a santa missa na nossa capela, mas às vezes, aos domingos, vamos na paróquia, pois aí reside somente um sacerdote. Ele é responsável por outras quatro capelas que seguidamente não podem ter a celebração eucarística dominical. Durante os primeiros três anos que aqui estamos, a Missa nunca foi celebrada nestas capelas, porque, estando todas elas a uma razoável distância do outro lado do rio, o bispo não achava que o pároco de então, - um missionário que não sabia nadar - estivesse em condições de exercer sua missão naquela área. Agora, de um certo tempo para cá, a paróquia tem um pároco originário da própria região e, portanto, sabe nadar. A consequência para nós é que não temos a santa missa quando o pároco a celebra nas aldeias do outro lado do rio. Nestes dias celebramos o rito da Comunhão fora da Missa com cantos e leituras. Às vezes também a missa dominical exige adaptações. Os operários na verdade são poucos frente a grande colheita que os espera!

A nossa presença é como um polo magnético que atrai tanto crianças como adultos, mas também... aves e galinhas dos nossos vizinhos... todos ao redor de nossa pequena casa! Todos os anos por ocasião da festa de Sta. Clara e por ocasião dos aniversários das irmãs convidamos as crianças, oferecendo-lhes um pouco de alimento, biscoitos, fatias de torta, para fazê-las felizes. Acontece que grupos de crianças tocam a campainha e começam a cantar: “Feliz aniversário para ti!”.



Com a ajuda de alguns generosos benfeitores, conseguimos que algumas dessas crianças frequentassem os seis anos normais de estudo; algumas meninas estão indo para escola num ambiente mais civilizado do que aquele da aldeia para poderem receber uma melhor educação, uma formação moral e uma mentalidade diferente. Todas as vezes que voltam para casa, estas meninas se tornam um modelo para as outras que não tiveram a mesma oportunidade. Os pais estão felizes e agradecidos.

O senhor chamou cada uma de nós individualmente a deixar, como Abraão, a própria família como também pessoas conhecidas e amadas, para ir ao lugar que ele escolheu para nós. Aqui, juntas, dia após dia ainda



continuamos a escutar aquela voz que nos convida a “deixar” alguma coisa. Isso acontece por meio da oração como também pelos trabalhos, comendo juntas e juntas nos divertindo, como ainda pelos atos de caridade e os sacrifícios.

Aqui somos testemunhas e instrumentos de seu amor, de sua alegria e da sua paz.

Pedimos a ele que sua graça e sua sabedoria continuem a nos guiar enquanto continuamos a trabalhar a fim de que a colheita no seu Reino seja rica. Amém.

*As irmãs de Bomadi*



## ...em Mbarara, Uganda

### ***Vivei em verdade a fim de que morrais em obediência***

Me transporto para Assis, o sonho,  
Aí encontrei Francisco,  
O grande menestrel,  
O meu inspirador.

O hino que cantava era belíssimo  
Com um ritmo, um ritmo especial,  
Sua própria voz, angélica,  
Era um verso.

*Vivei em verdade*

Será estreito o caminho sob vossos passos,  
*E em obediência morrereis*  
Enquanto cumprireis o Seu mandamento.

Feliz quem o escuta – e estou no vosso meio! –  
Na verdade e na obediência  
Abraçando o Crucifixo pobre  
Na oferta de si.

Participar de seus sofrimentos  
Na oferenda de si,  
Permanecendo despida com ele  
Que tanto sofreu.

Ele é a Verdade  
E se fez obediente  
Crucificado despido  
Sobre a cruz morreu.

Por seu amor  
Por seu nome  
*Vivei sempre em verdade*  
*que em obediência morrereis.*

*Ir. M. Andrew Kaggwa, osc*

# Em memória de fr. Enrique Gonzales Arango, ofm

---

No dia dois de março de 2024, memória de S. Inês de Praga, fomos surpreendidas pela notícia da morte de Fr. Henrique Gonzales Arango ofm, delegado geral *Pro Monialibus* no período de 2001 a 2006. Nossa recordação dele é a de um bom irmão, atento, aberto ao encontro, um irmão menor que nos acompanhou confiando na forma de vida clariana e na importância de vivê-la com autenticidade no nosso tempo.

Apresentando o nº 39 de *Comunione e comunicazione*, um número especial por ocasião do 750º aniversário da morte de Sta. Clara ele assim, por escrito, se expressava: “Celebrando esta memória plurissecular da pessoa e da história humana e evangélica de Sta. Clara, deve ser um momento cristão e franciscano que conduz as Irmãs Pobres, os Frades Menores e todos aqueles que reconhecem nela um dom de Deus para uma reflexão profunda, para uma revisão sincera, para uma reformulação corajosa do modo de ser e de pensar a vida e o Evangelho, para poder penetrar o livro da vida de Sta. Clara de como se pode e se deve viver hoje a vocação humana e cristã na Igreja e no mundo”. Não é isso que estamos vivendo neste tempo de retomada da reflexão e reelaboração das Constituições Gerais da nossa Ordem?

Agradecemos ao Pai das misericórdias por ter dado Fr. Henrique também à ‘fraternidade universal’ das irmãs contemplativas franciscanas. É um momento de alegria





fazer esta memória nas páginas desta revista que ele apoiou e promoveu. Na despedida de seu serviço de diretor assim se exprimia no editorial: “Ao longo destes cinco anos e meio tive que preocupar-me com o conteúdo de cada número, procurando oferecer artigos, reflexões e partilhas que enriquecessem não somente a dimensão intelectual, mas especialmente a dimensão espiritual daqueles que queriam aproximar-se da revista para encontrar nela motivações para caminhar com audácia, luzes para iluminar o caminho e razões válidas para renovar critérios e comportamentos que nos tornassem vizinhos da verdade do Evangelho, como ainda da riqueza do carisma e do dever de nos colocar espiritual e intelectualmente como ainda de modo existencial (ou seja, de modo prático) no momento de graça que nos é dado viver no mundo de hoje” (cTc 42 – agosto de 2006). Nestes anos jamais faltou uma palavra sua de gratidão toda a vez que recebia um novo número.

De coração, muito obrigado, Fr. Henrique!

*As irmãs da redação*



# Notícias do Ofício Pro Monialibus

---

## Federação “Santa Maria dos Anjos” da Irlanda e Escócia

Entre os dias 2 e 8 de março de 2024, logo após a morte da Madre Bernardette Cotter do mosteiro de Cork e então Presidente em exercício da Federação de “Santa Maria dos Anjos” das Clarissas Coletinas da Irlanda e Escócia, morte essa que se deu no dia 31 de janeiro de 2024, aconteceu uma assembleia federal eletiva.

Eis as mudanças acontecidas:

**Madre Gabrielle Murphy**, Presidente da Federação  
(Poor Clare Manastery, Ennis, Co. Clare, V95 VNP5)  
Email: [fedpresennis@gmail.com](mailto:fedpresennis@gmail.com)  
Cell:086 3209911

As Conselheiras são:

1. **Madre Miriam Buckley**, Cork (abadessa)
2. **Ir. Catherine Kyne**, Galway
3. **Madre Colette Hayden**, Galway (abadessa e ecônoma da Federação)
4. **Madre Jemma Hayag**, Drumshanbo, Co. Leitrim (abadessa)

*Ir. Francis Ó Brien, osc  
(ex primeira Conselheira)  
Carlow, Irlanda*



## ♦ ***À vossa atenção***

Enviar as **contribuições** para o FUNDO CLARISSE por **TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA**.

Para efeitos contabilísticos, é favor enviar uma cópia da transferência bancária **por fax** para **06 68491414**.

<b>Banco:</b>	<b>Banca Popolare di Sondrio</b> Sede di Roma Viale Cesare Pavese, 336 - Roma
<b>IBAN:</b>	<b>IT53E0569603211000004794X45</b>
<b>Denominação:</b>	Casa Generalizia Ordine Frati Minori
<b>BIC-SWIFT:</b>	POSOIT22
<b>Endereço do beneficiário:</b>	Via Santa Maria Mediatrice, 25 00165 Roma - Italia
<b>RAZÃO</b>	<b>(Fondo Clarisse – Voce FFI)</b>

OFM

ORDO FRATRUM MINORUM

**Comunhão e Comunicação**

Número 63 | Junho 2024